

CONFECÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM VÍDEO PARA ENSINAR PROFESSORES A IDENTIFICAR AS PREFERÊNCIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA¹

Fernanda Santos Mota²
Daniela Mendonça Ribeiro³
Leonardo Brandão Marques⁴

RESUMO

A identificação de itens de preferência, os quais podem influenciar processos motivacionais e funcionar como reforçadores, é fundamental para o sucesso de intervenções educacionais com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A avaliação de preferência com pares de estímulos tem sido o método mais utilizado para identificar as preferências de crianças com TEA. Apesar de eficaz na identificação de potenciais reforçadores, esse procedimento depende diretamente da fidedignidade com que é implementado. O procedimento de ensino por videomodelação tem sido amplamente utilizado para ensinar profissionais de diferentes áreas a implementar intervenções baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Considerando a reconhecida efetividade de intervenções baseadas na ABA para a educação de crianças com TEA e a necessidade de se ampliar o acesso de profissionais da educação a essas intervenções, o objetivo deste estudo foi de confeccionar um vídeo instrucional para ensinar a implementação de uma avaliação de preferência com pares de estímulos. O vídeo foi confeccionado de modo a apresentar uma descrição dos passos críticos constituintes de uma avaliação de preferência com pares de estímulos, seguida de um exemplo da implementação da avaliação. Seis profissionais de diferentes áreas avaliaram se o vídeo cumpre seu papel instrucional. As respostas e sugestões emitidas pelos profissionais foram analisadas e as mudanças necessárias implementadas. O vídeo confeccionado foi validado e considerado adequado para ensinar professores a avaliar as preferências de seus alunos.

Palavras-chave: Ensino de Professores, Videomodelação, Avaliação de Preferência com Pares de Estímulos, Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

De acordo com a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5, APA, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento. Suas principais características são déficits na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Ele pode ser classificado como leve, moderado ou severo, levando em

¹ Este estudo faz parte do programa de pesquisa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino, financiado pelo CNPq (#465686/2014-1) e pela FAPESP (#2014/5990-8).

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), fesmota@hotmail.com.

³ Docente da UFAL e orientadora do estudo, danimribeiro@yahoo.com.br.

⁴ Docente da UFAL, leonardo.marques@cedu.ufal.br.

consideração o comprometimento nas diversas áreas do desenvolvimento e o nível de dependência de ajuda da pessoa (DSM-5, APA, 2014).

Pesquisas realizadas nos últimos 50 anos têm demonstrado que intervenções baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) são bastante eficientes, tanto para minimizar os déficits, quanto para ensinar novas habilidades para crianças com TEA (ELDEVIK et al., 2009; FISHER et al., 2011; LEBLANC et al., 2012; NORMAND; KOHN, 2013; REICHOW; WOOLERY, 2009).

As intervenções baseadas na ABA são compostas pelas seguintes etapas: (1) avaliação das preferências e dos comportamentos da criança; (2) estabelecimento de prioridades e dos objetivos da intervenção; (3) delineamento da intervenção em termos da seleção dos procedimentos de ensino e dos métodos de registro do desempenho; (4) implementação da intervenção; e (5) acompanhamento da aprendizagem (SELLA; RIBEIRO, 2018; VARGAS, 2009).

Conforme citado acima, uma das primeiras etapas de uma intervenção baseada na ABA é identificar as preferências da criança. A identificação de itens de preferência, os quais podem influenciar processos motivacionais e funcionar como reforçadores, é fundamental para o sucesso de intervenções educacionais com crianças com TEA. A literatura tem extensivamente demonstrado que os itens identificados por meio das avaliações de preferência têm funcionado como reforçadores durante o ensino de novas habilidades (PACE et al., 1985; PIAZZA et al., 1996).

Existem diversos métodos para identificar as preferências de uma pessoa. Dentre esses métodos, a avaliação com pares de estímulos tem sido a mais utilizada para se identificar itens da preferência de crianças com TEA (DELIPERI et al., 2015; GRAFF; KARSTEN, 2012a). Esse método consiste em apresentar para a criança pares de itens, indicados por pais ou cuidadores como favoritos da criança, e solicitar que ela escolha um desses itens. A escolha da criança, diante de cada par, é registrada para posterior cálculo da preferência de cada item e sua classificação em alta, média ou baixa preferência, de acordo com o número de vezes em que ele foi escolhido (FISHER et al., 1992; RIBEIRO; SELLA, 2018).

Considerando sua efetividade para identificar potenciais reforçadores a serem utilizados durante intervenções educacionais, estudos têm ensinado a implementação de avaliações de preferência para professores (GRAFF; KARSTEN, 2012; LAVIE; STURMEY, 2002; LERMAN et al., 2004; ROSALES et al, 2015), estagiários (DELIPERI et al., 2015; LIPSCHULTZ et al., 2015; WELDY et al., 2014), estudantes universitários (RAMON et al., 2013) e pais de pessoas com TEA (ANDERSEN, 2016).

Dentre os procedimentos de ensino utilizados por esses estudos, destaca-se a videomodelação. Esse procedimento consiste na exibição de um vídeo da habilidade que se pretende ensinar a um telespectador que deve analisar e demonstrar a mesma habilidade em um determinado contexto (CATANIA et al., 2009). Geralmente, a apresentação do vídeo é combinada com instruções escritas ou com narração. A principal vantagem da videomodelação é que não há a necessidade da presença do pesquisador para ensinar os participantes a desempenharem uma determinada habilidade (BARBOZA et al., 2015; LIPSCHULTZ et al., 2015).

O primeiro estudo que ensinou professores a implementarem avaliações de preferência foi o de Lavie e Sturmey (2002). Mais especificamente, seu objetivo foi avaliar um procedimento para ensinar professores que trabalhavam com crianças com TEA a implementar avaliações de preferência usando instruções breves e um modelo de vídeo. Participaram do estudo três professores e oito crianças com TEA. Durante a linha de base, foram entregues aos participantes papel e caneta; e uma criança com TEA e os itens a serem avaliados estavam presentes na sala, no entanto, nenhuma instrução foi fornecida a eles. Após a linha de base, os professores foram ensinados a realizar avaliações de preferência com pares de estímulos. Uma análise de tarefas deste tipo de avaliação foi realizada, sendo que foram identificados os seguintes componentes: (a) colocar dois itens sobre a mesa na frente da criança e aguardar 5 segundos pela resposta da criança; (b) se a criança tocar um item, remover o item não escolhido imediatamente; (c) deixar a criança interagir com o item escolhido por 5 segundos; (d) se a criança se aproximar de ambos os itens, bloquear a resposta segurando os dois itens sobre a mesa; (e) se a criança não se aproximar de nenhum dos itens após 5 segundos de sua apresentação, pedir-lhe para experimentar cada item por 5 segundos; (f) depois que a criança experimentar os dois itens, apresentar ambos novamente; (g) repetir os passos b até d; (h) se a criança não se aproximar de nenhum dos itens, remover novamente os itens; e (i) registrar os dados de cada tentativa em uma folha de registro. Durante a linha de base, nenhum professor realizou a avaliação de preferência com pares de estímulos corretamente. Após a intervenção, os três professores conduziram a avaliação praticamente sem erros. O estudo demonstrou que professores podem aprender a realizar avaliações de preferências rapidamente por meio de vídeo, visto que a etapa de ensino teve duração de 80 minutos.

Deliperi, Vladescu, Reeve, K., Reeve, S. e DeBar (2015) também avaliaram a eficácia da videomodelação para ensinar três estudantes de graduação a implementarem avaliações de preferências. Duas crianças com TEA, de 5 e 6 anos de idade, também participaram do

estudo. A análise de tarefas resultou em 20 componentes para a implementação de avaliações de preferência com itens comestíveis e com brinquedos: (a) pedir para o instrutor para identificar estímulos; (b) identificar estímulos; (c) selecionar os estímulos corretos para usar durante a avaliação; (d) observar se a criança está sentada e com suas mãos em seu colo; (e) colocar luvas (apenas comestíveis); (f) organizar estímulos; (g) atentar para o tamanho da mordida (apenas comestíveis); (h) fornecer instruções; (i) aguardar a escolha da pessoa; (j) remover o item não selecionado; (k) fornecer acesso ao item selecionado; (l) registrar o item selecionado pela pessoa na folha de registro; (m) solicitar o item selecionado (apenas brinquedos); (n) ignorar comportamento-problema; (o) bloquear tentativas de pegar ambos os itens simultaneamente; (p) bloquear tentativas de pegar ambos os itens consecutivamente; (q) bloquear tentativa de pegar algum item que não tenha sido apresentado na tentativa, mas esteja presente no ambiente; (r) calcular a preferência por cada item corretamente; (s) classificar os itens de acordo com a preferência; e (t) identificar o item a ser usado durante o ensino. Duas participantes alcançaram critério de desempenho no ensino por videomodelação em três sessões e uma participante, em duas sessões. Elas também demonstraram generalização com uma criança com TEA e mantiveram, no mínimo, 90% de passos implementados corretamente nos testes de manutenção. Os autores destacam dois aspectos importantes dos resultados. O primeiro deles refere-se ao fato de que a presença de um instrutor não foi necessária enquanto as participantes assistiam ao vídeo. Outro aspecto importante é que as participantes aprenderam a realizar uma avaliação de preferência com pares de estímulos sem receber *feedback* para respostas corretas e incorretas.

No Brasil, tem crescido gradualmente o número de estudos que avaliam formas de ensino para implementação de procedimentos baseados nos princípios da ABA (BARBOZA et al., 2019; BARBOZA et al., 2015; BORBA, 2014; BORBA et al., 2015; FAGGIANI, 2014; FERREIRA et al., 2016; SILVA et al., 2019). Nessa perspectiva, buscando ampliar o acesso de profissionais da educação a intervenções baseadas na ABA, o presente artigo teve por objetivo confeccionar e validar um vídeo instrucional para ensinar a implementação de uma avaliação de preferência com pares de estímulos.

METODOLOGIA

A validação de tecnologias educacionais é caracterizada como uma pesquisa de desenvolvimento metodológico (CONTANDRIOPOULOS, 1997) e tem seu foco, principalmente, no desenvolvimento, na avaliação e no aperfeiçoamento de instrumentos e de

estratégias metodológicas (POLIT et al., 2004). Neste estudo, um vídeo instrucional para ensinar professores de crianças com TEA a identificar suas preferências foi confeccionado e validado. Participaram da validação do vídeo seis profissionais de diferentes áreas, tais como Educação, Psicologia, Análise do Comportamento, Jornalismo e Ciência da Computação.

Para a confecção do vídeo foram seguidas as recomendações para construção de materiais audiovisuais, e ocorreu nas seguintes fases: pré-produção, produção e pós-produção (KINDEM; MUSBURGER, 2005). Na etapa de pré-produção, foi elaborado um *script*, levando em consideração informações identificadas a partir da análise de estudos que ensinaram a implementação da avaliação de preferência com pares de estímulos a diferentes populações. O *script* foi composto por 127 cenas, compostas de instruções escritas, fotos e vídeos. As instruções escritas descrevem os passos necessários para a implementação correta de uma avaliação de preferência com pares de estímulos com os seguintes componentes: (a) preencher um protocolo de registro específico para a avaliação de preferência com pares de estímulos, colocando os nomes dos itens a serem utilizados durante a avaliação, as iniciais da criança a ser avaliada e a data de realização da sessão; (b) fornecer oportunidade à criança para interagir com cada um dos itens individualmente; (c) registrar no protocolo o primeiro par de itens a ser apresentado; (d) colocar o par de itens sobre a mesa e fornecer uma instrução para que a criança pegue um dos itens; (e) esperar pela resposta da criança; (f) remover imediatamente o item não escolhido; (g) permitir acesso ao item selecionado; (h) registrar o item selecionado no protocolo; (i) solicitar que a criança devolva o item; (j) ao escolher o próximo par a ser apresentado para a criança, não apresentar o mesmo item em duas tentativas consecutivas; (k) repetir os passos 3 a 10 até que todos as combinações dos itens tenham sido apresentadas em pares; (l) após apresentar todos os pares, informar a criança sobre o término da avaliação; (m) contar quantas vezes cada item foi escolhido; (n) calcular a porcentagem de escolha de cada item, dividindo o número de vezes que o item foi escolhido pelo número de vezes em que ele foi apresentado e multiplicar o resultado por 100; e (o) classificar os itens de mais preferidos para menos preferidos, sendo que itens escolhidos acima de 80% das vezes em que foram apresentados são classificados como de alta preferência; itens escolhidos entre 60% e 80% são classificados como de média preferência e itens escolhidos em menos de 60% são classificados como de baixa preferência. As fotos demonstram os materiais utilizados e os vídeos exibem a implementação de uma avaliação de preferência com pares de estímulos, na qual a pesquisadora atuou como a avaliadora e um jovem rapaz atuou como a criança cujas preferências estavam sendo identificadas.

A etapa de produção consistiu na montagem das cenas com os passos listados acima, das fotos dos materiais e dos protocolos utilizados em uma avaliação de preferência com pares de estímulos e das filmagens dos videoclipes.

Na pós-produção, a edição das cenas foi realizada com um programa gratuito. Nesta etapa, as instruções escritas dos passos foram acompanhadas por setas, algumas palavras colocadas em caixa alta ou em negrito para sinalizar a informação para a qual os professores deverão atentar. Nas fotos e nos videoclipes, foram incluídas legendas instrutivas e setas. A apresentação consistiu na exibição de cenas breves, com duração de 3 a 17 segundos. Mais especificamente, cenas com instruções curtas ou com imagens de material tiveram duração de 3 a 8 segundos e cenas com instruções longas tiveram duração de 10 a 17 segundos. As únicas cenas em que houve áudios foram os videoclipes das tentativas, que demonstraram a condução de uma avaliação de preferência com pares de estímulos.

Após a conclusão da edição, o vídeo foi submetido à validação. Primeiro, foi realizado um contato prévio por *e-mail* com os profissionais, sendo que todos aceitaram participar da pesquisa, e, mediante esta aceitação, foi enviado um *link* pelo *OneDrive* para que eles baixassem o vídeo e um formulário a ser preenchido sobre a análise do conteúdo do vídeo. Além de questões relacionadas aos objetivos do vídeo, o formulário continha instruções para a análise. Mais especificamente, os profissionais foram solicitados a assistir ao vídeo e, em seguida, a registrar se cada um dos passos necessários para a implementação da avaliação de preferência com pares de estímulos estava presente tanto na descrição escrita quanto nos videoclipes que exibiam um exemplo de condução da avaliação. Eles também foram solicitados a incluir comentários e observações, quanto à clareza, à compreensão e à forma de apresentação do vídeo.

RESULTADOS

Com os formulários devidamente preenchidos pelos avaliadores e seus comentários e observações, iniciou-se o processo de leitura, análise e organização das respostas e sugestões emitidas. Os profissionais sugeriram importantes alterações e contribuições para o aperfeiçoamento do vídeo. Eles também identificaram que um dos passos necessários para a implementação de uma avaliação de preferência com pares de estímulos não havia sido apresentado nos videoclipes.

O vídeo foi reelaborado de modo a contemplar todas as sugestões e observações dos profissionais. A versão final do vídeo tem duração de 17 minutos e 53 segundos. Após a

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

validação e finalização de edição do vídeo, sua efetividade para ensinar professores a implementar avaliações de preferência com pares de estímulos será avaliada por meio de um novo estudo, que será conduzido com professores do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Maceió-Al.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em geral, o uso de um modelo de vídeo, além de eficaz, é considerado uma estratégia de baixo custo com alto grau de integridade (BARBOZA et al., 2015; LIPSCHULTZ et al., 2015). O desenvolvimento e a avaliação de instrumentos que possam impulsionar a atenção a pessoas com TEA nas escolas, é, sem dúvida, fundamental para a aquisição de novas habilidades e o desenvolvimento dessas crianças. O referencial teórico que embasou a confecção do vídeo foi subsidiado por um conjunto de pesquisas que comprovam sua eficiência.

Ainda que com um cuidado rigoroso em sua confecção, a validação do conteúdo do vídeo pelos profissionais foi muito importante, pois colaborou com a construção de um instrumento sólido e capaz de atender ao objetivo de ensinar professores a identificar itens de preferências de seus estudantes com TEA.

Considerando que, a cada ano, cresce o número de estudantes com TEA matriculados no ensino regular do município de Maceió e que os professores recebem pouca ou nenhuma instrução sobre estratégias de ensino eficientes para essa população, faz-se necessário verificar a efetividade de procedimentos que possam levar o conhecimento de intervenções baseadas na ABA para esses profissionais.

Especificamente em relação às avaliações de preferências, elas permitem que se identifiquem itens que influenciam processos motivacionais. A utilização de consequências específicas ao longo de uma intervenção educacional aumenta consideravelmente o engajamento de crianças com TEA e caracteriza um dos aspectos de um currículo individualizado (RIBEIRO; SELLA, 2018).

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, C. D. **Evaluating Video Modeling to Teach Caregivers to Conduct Paired-Stimulus Preference Assessments**. Master Dissertation, Master of Arts - Department of Child and Family Studies College of Behavioral and Community Sciences. University of South Florida, Florida, 2016. Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/etd/6167>. Acessado em: 19 de maio de 2018.

ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

BARBOZA, A. A.; SILVA, A. J. M.; BARROS, R. S.; HIGBEE, T. S. Efeitos de videomodelação instrucional sobre o desempenho de cuidadores na aplicação de programas de ensino a crianças diagnosticadas com autismo. **Acta Comportamental**, v. 23, 2015, p. 405-421.

BARBOZA, A. A.; COSTA, L. C. B.; BARROS, R. S. Utilizando videomodelação instrucional para ensinar mães de crianças diagnosticadas com TEA a implementar tentativas discretas: Uma replicação sistemática. **Temas Em Psicologia**, in press. 2019.

BORBA, M. M. C., MONTEIRO, P. C. M., BARBOZA, A. A., TRINDADE, E. N., & BARROS, R. S. Efeito de intervenção via cuidadores sobre aquisição de tato com autoclítico em crianças com TEA. **Revista Brasileira de Análise Do Comportamento**, v. 11(1), 2015, p. 15-23.

BORBA, M. C. **Intervenção ao autismo via cuidadores.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. 2014.

CATANIA, C. N.; ALMEIDA, D.; LIU-CONSTANT, B.; REED, F. D. D. Video modeling to train staff to implement discrete-trial instruction. **Journal of Applied Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 42, 2009, p. 387-392.

CONTANDRIOPOULOS, A.P. **Saber preparar uma pesquisa:** definição, estrutura, financiamento. 2ed. São Paulo (SP): Hucitec; 1997.

DELIPERI, P.; VLADSCU, J. C.; REEVE, K.; REEVE, S.; DEBAR, R. Training staff to implement a paired-stimulus preference assessment using video modeling with voiceover instruction. **Behavioral Interventions**, US, v. 30, 2015, p. 314-332.

ELDEVIK S.; HASTINGS R. P.; HUGHES J. C.; JAHR E., EIKESETH S.; CROSS S. Meta-analysis of Early Intensive Behavioral Intervention for children with autism. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, v. 38, ed. 3, 2009, p. 439-450.

FAGGIANI, R. B. **Análise de componentes de um tutorial computadorizado para ensinar a realização de tentativas discretas.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental. Universidade de São Paulo. 2014.

FERREIRA, L. A.; SILVA, A. J. M.; BARROS, R. S. Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 7, 2016, p. 101-113.

FISHER, W. W.; GROFF, R. A.; ROANE, H. S. Applied behavior analysis: History, philosophy, principles, and basic methods. In: FISHER, W. W.; PIAZZA, C. C.; ROANE, H. S. (Ed.), **Handbook of applied behavior analysis.** New York, NY: Guilford Press, 2011, p.3-13.

FISHER, W. W.; PIAZZA, C. C.; BOWMAN, L. G.; HAGOPIAN, L. P.; OWENS, J. C.; SLEVIN, I. A comparison of two approaches for identifying reinforcers for persons with severe and profound disabilities. **Journal of Applied Behavior Analysis**, USA, v. 25, n. 2, Summer 1992, p. 491-498.

GRAFF, R. B.; KARSTEN, A. M. Assessing preferences of individuals with developmental disabilities: a survey of current practices. **Behavior Analysis in Practice**, Hoboken, NJ, v. 5, 2012a, p. 37-48.

GRAFF, R. B.; KARSTEN, A. M. Evaluation of a selfinstruction package for conducting stimulus preference assessments. **Journal of Applied Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 45, n. 1, Spring 2012, p. 69-82.

KINDEM G.; MUSBURGER R. B. **Introduction to media production**: from analog to digital. 3. ed. Boston: Focal Press; 2005.

LAVIE, T.; STURMEY, P. Training staff to conduct a paired-stimulus preference assessment. **Journal of Applied Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 35, n. 2, Summer 2002, p. 209-211.

LEBLANC, L. A.; HEINICKE, M. R.; BAKER, J. C. Expanding the consumer base for behavior-analytic services: Meeting the needs of consumers in the 21st Century. **Behavior Analysis in Practice**, v. 5, n.1, 2012, p. 4-14.

LERMAN, D. C.; VORNDRAN, C. M.; ADDISON, L.; KUHN, S. C. Preparing teachers in evidence-based practices for young children with autism. **School Psychology Review**, v. 33, n. 4, 2004, p. 510-526.

LIPSCHULTZ, J. L.; VLADESCU, J. C.; REEVE, K. F.; REEVE, S. A.; DIPSEY, C. R. Using video modeling with voiceover instruction to train staff to conduct stimulus preference assessments. **Journal of Developmental and Physical Disabilities**, v. 27, 2015, p. 505-532.

NORMAND, M. P.; KOHN, C. S. Don't wag the dog: Extending the reach of applied behavior analysis. **The Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 36, n.1, 2013, p.109-122.

PACE, G. M.; IVANCIC, M. T.; EDWARDS, G. L.; IWATA, B. A.; PAGE, T. J. Assessment of stimulus preference and reinforcer value with profoundly retarded individuals. **Journal of Applied Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 18, 1985, p. 249-255.

PIAZZA, C. C.; FISHER, W. W.; HAGOPIAN, L. P.; BOWMAN, L. G.; TOOLE, L. Using a choice assessment to predict reinforcer effectiveness. **Journal of Applied Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 29, n. 1, 1996, p.1-9.

POLIT, D.F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B.P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre (RS): Artmed; 2004.

RAMON, D.; YU, C.T.; MARTIN, T.; CHAND, C.; LEE, M.; ASTACIO, R.; LAVOIE, K.; SIMON, K. **Evaluation of a training manual to teach multiple-stimulus preference assessment**. Poster presented at the 7th Annual Conference of the Manitoba Association for Behaviour Analysis, Winnipeg, 2013.

REICHOW, B.; WOOLERY, M. Comprehensive synthesis of early intensive behavioral interventions for young children with autism based on the UCLA Young Autism Project model. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, USA, v. 39, 2009, p. 23-41.

RIBEIRO, D. M.; SELLA, A. C. Descobrimos as Preferências da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. In: **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. RIBEIRO, D. M.; SELLA, A. C. (org.). Curitiba: Appris, 2018, p. 105-124.

ROSALES, R.; GONGOLA, L.; HOMLITAS, C. An evaluation of video modeling with embedded instructions to teach implementation of stimulus preference assessments. **Journal of Applied Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 48, n. 1, Spring 2015, p. 209-214.

SELLA, A. C.; RIBEIRO, D. M. O que é Análise do Comportamento Aplicada. In: **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. RIBEIRO, D. M.; SELLA, A. C. (org.). Curitiba: Appris, 2018, p. 45-58.

SILVA, A. J. M.; BARBOZA, A. A.; MIGUEL, C. F.; BARROS, R. S. Avaliando a eficácia de uma intervenção ao autismo implementada por pais no Norte do Brasil. **Temas Em Psicologia, in press**. 2019.

VARGAS, J. S. Improving sensitivity to progress: recording methods. In: VARGAS, J. S. **Behavior Analysis for Effective Teaching**. New York, NY: Routledge, 2009, p. 94-115.

WELDY, C. R.; RAPP, J. T.; CAPOCASA, K. Training staff to implement brief preference assessments. **Journal of Applied Behavior Analysis**, Hoboken, NJ, v. 47, n. 1, Spring 2014, p. 214-218.